

## Eficácia e falácias da comunicação: aprender a escrever é aprender a pensar

### Resumo

Em primeiro lugar, é válido destacar que aprender a escrever é aprender a pensar, encontrar ideias e associá-las. Não se pode transmitir o que a mente não possui armazenado. Sendo assim, para podermos escrever é necessário, sempre, além de possuir leituras para aumentar nosso repertório sociocultural também é fundamental aprender a analisar ideias e saber como organizá-las em um texto. Para isso, é preciso fornecer os meios de disciplinar o raciocínio feito, por exemplo, pelos métodos de raciocínios lógicos. Vejamos alguns exemplos.

#### Método indutivo

A dedução permite que se possa partir da análise de fatos concretos ou específicos para chegarmos a uma conclusão de maneira lógica.

Observação

Análise de fatos



CONCLUSÃO

GENERALIZAÇÃO

Observe o exemplo:

#### Preço da gasolina

Valor médio por litro



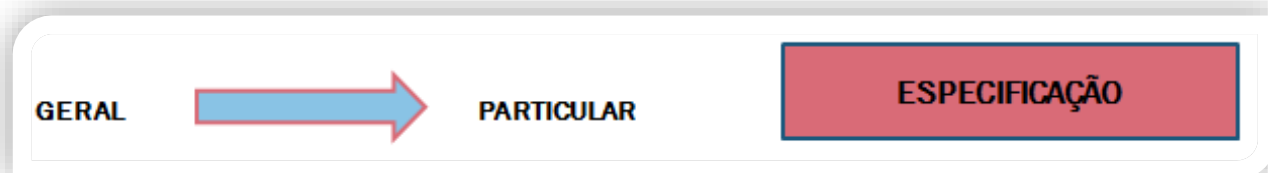
Fonte: ANP/Petrobras

O preço médio do litro de gasolina no país caiu pela quarta semana consecutiva e encerrou abril em R\$3,626. Os dados são de levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP) com base em pesquisas feitas em 5.676 postos de combustível em todo o país.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/preco-media-da-gasolina-cai-pela-4-semana-seguida-e-fecha-abril-em-r-3626.ghml>

## Método dedutivo

Como vimos, pela indução partimos de fatos particulares para a generalização. Já pela dedução partimos do geral para o particular, ou seja, da generalização para a especificação.



### 1. Silogismo

O silogismo é a expressão formal do método dedutivo, ou seja, é a forma como ele é estruturado: duas proposições que são chamadas de *premissas* e que geram uma inferência, *conclusão*. A primeira é chamada de maior e a segunda de menor e entre elas deve haver uma ideia comum que é a condição indispensável para um silogismo verdadeiro.

Observe o exemplo de um silogismo em que Aristóteles conclui sobre a mortalidade de Sócrates com base nas premissas que afirmam que ele é mortal e que todos os homens são mortais.

*Todo homem é mortal.*  
*Sócrates é um homem.*  
*Então, Sócrates é mortal.*

### 2. Epiquirema

O epiquirema é outro tipo de silogismo que se caracteriza por ter uma ou ambas as premissas seguidas acompanhadas de uma proposição causal ou explicativa, ou adjunto equivalente.

*Todos os professores devem saber um pouco de psicologia, porque o contato com mentalidades em formação exige deles a capacidade de compreender o comportamento e as reações dos jovens para melhor orientá-los e educá-los.*

Premissa menor: Ora, você é professor.

Conclusão: Logo, precisa saber um pouco de psicologia.

## Método dialético

A dialética é a capacidade de falar sobre dualidades, ou seja, contradições. Sendo assim, ela pretende chegar à verdade através da contraposição e reconciliação de contradições.



- **TESE** = uma ideia pretensamente verdadeira;
- **ANTÍTESE** = contradição ou negação da tese;
- **SÍNTESE** = o resultado da confrontação de ambas as ideias.

Veja o exemplo abaixo sobre o tema “A influência da TV na sociedade brasileira do século XXI”:

*É fácil perceber que os efeitos negativos da televisão nascem na difusão de valores como o individualismo e a violência, veiculados por imagens a que estão submetidas muitas pessoas sem senso crítico. Paradoxalmente, esse mesmo meio de comunicação de massa permite um contato com o mundo distante, permitindo ao público ter acesso ao poder da informação. Na verdade, a discussão sobre a influência da TV só fará sentido se for considerado o uso que cada telespectador faz do veículo, o que depende de sua formação prévia, e não do que é reproduzido.*

Note que o tema trata de dois lados da discussão acerca da influência da televisão na sociedade. Por um lado, podemos identificar a difusão de valores negativos, que podem ser prejudiciais (**tese**). Entretanto, há também um lado positivo que precisa ser levado em conta (**antítese**). Dessa forma, a discussão se desloca, um impasse é superado: a discussão, aqui, não é sobre o que é veiculado nesse meio, mas sobre o uso que se faz dele (**síntese**).

A síntese pode variar em dois tipos: a **conciliadora** e a **reafirmadora**. A síntese conciliadora traz associação aos elementos que, a princípio, são contraditórios e mostra que não é uma contradição. Por outro lado, a síntese reafirmadora reforça a tese e destrói a antítese.

## A natureza do erro: Falácia (Sofisma e *Argumentum ad hominem*).

Mesmo que os métodos de raciocínio sejam o caminho através do qual se chega a um fim ou objetivo, do ponto de vista lógico é possível cometer dois tipos de erros: errar intencionalmente mal com dados corretos ou raciocinando bem com dados falsos. A falácia é um raciocínio aparentemente verdadeiro, mas apresenta um desvio. Já o sofisma, é um tipo de falácia que consiste na defesa de um argumento falso para confundir. Além disso, o *argumentum ad hominem* (argumento contra a pessoa) é outro tipo de falácia identificada quando alguém procura negar uma proposição com uma crítica ao seu autor e não ao seu conteúdo.

*Deus é amor.*

*O amor é cego.*

*Stevie Wonder é cego.*

*Conclusão: Stevie Wonder é Deus!*

*O João afirmou que  $1 + 1 = 2$ ;*

*O João é mau aluno em matemática, é feio e tem os pés enormes;*

*Logo, o João não pode ter razão quando diz que  $1 + 1 = 2$ .*

## Exercícios

---

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o curador anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao planetário. Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.

Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a mais bela história que li em toda a minha vida.

Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO Adaptado de *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1. *Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas.* (l. 21-22)

Na frase acima, o autor procura delimitar um sentido para a palavra história por meio dos trechos destacados. Esses trechos apresentam uma formulação do seguinte tipo:

- a) exemplificação
- b) particularização
- c) modalização
- d) dedução

## A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalhar de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*.

O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

João do Rio Adaptado de Cinematógrafo: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

### 2. *essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século.* (l. 5)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909. Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

- a) negação
- b) dedução
- c) gradação
- d) generalização

## Gabarito

---

**1. B**

O autor particulariza o sentido da palavra história. Não se trata da acepção mais comum da palavra, da história da humanidade, mas de uma específica: “a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas”.

**2. D**

João do Rio escreveu seu texto em 1909 e ao estabelecer a pressa de acabar como a marca distintiva do século que começa, ele faz uma generalização para todo o novo século, deixando em segundo plano outras possíveis marcas distintivas desse tempo.